

OBSERVATÓRIO DA EJA: o viés da metodologia afetiva na alfabetização da Terceira Idade

Vilma Suely Duarte de Moraes¹

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos, vem abrindo espaço de discussão e preocupação no ambiente escolar em pleno início século XXI, possibilitando a reflexão sobre os avanços e retrocessos na prática do direito a educação conforme as legislações vigentes, visando oferecer melhor qualidade do ensino, principalmente no processo de alfabetização. O objetivo possibilitar a reflexão do viés da metodologia afetiva tem na alfabetização dos alunos da Terceira Idade, a partir dos teóricos que decorrem na construção significativa para esse público excluído. Optou-se pela pesquisa bibliográfica, leituras e análises de vários autores, como mecanismo metodológico para o alcance da resposta problema-qual a importância da afetividade no processo de alfabetização para a Terceira Idade? Com ênfase nas dificuldades enfrentadas pelos docentes e discentes na contribuição da inclusão do direito à educação para essa modalidade de ensino.

Palavras-chaves: Alfabetização. Afetividade. Terceira Idade. Metodologia. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

Youth and Adult Education has been opening space for discussion and concern in the school environment in the early 21st century, allowing reflection on the advances and setbacks in the practice of the right to education in accordance with current legislation, aiming to offer better quality of education, especially in the literacy process. This work aims to enable the reflection of the bias of the affective methodology has on the literacy of the Third Age students, from the approaches with the theorists that result in the significant construction for this excluded public. We chose the bibliographic research, readings and analyzes of various authors, as a methodological mechanism to reach the problem answer-what is the importance of affectivity in the process of literacy for the Third Age? Emphasizing the difficulties faced by teachers and students in contributing to the inclusion of the right to education for this type of education.

Keywords: Literacy. Affectivity Third Age. Methodology. Youth and Adult Education.

INTRODUÇÃO

¹ Coordenadora Pedagógica, na Rede Municipal de Ensino da Educação Básica Amazonas. Mestranda do Programa Estudos de Fronteira – UNIFAP. Email: vilmasuely-pa@hotmail.com.

A Educação de Jovens e Adultos é uma luta de direito ao acesso e permanência do direito a educação para todos. Neste sentido, as lutas históricas em torno do campo educacional apontam que desde o período colonial, a exclusão para as pessoas de classes de baixo poder aquisitivo e posição social, em se tratando de jovens e adultos que não tinha condições de participar do mundo letrado ou de sentir parte dele, como participação apenas como mão de obras para o desenvolvimento comercial do país.

Desta forma, ao longo do tempo a necessidade de alfabetizar ler e escrever, diante do avanço comercial e com novos usos de tecnologia nas indústrias, foi impulsionado por um interesse político para atender as demandas de mercado e expandir o setor econômico. Em tantos dilemas e exclusões, avanços e retrocessos nas legislações e políticas públicas educacionais para jovens e adultos, que se faz necessário pensar na utilização de práticas que foquem e de significado ao saber prévio e para interagir aos conhecimentos científicos estruturados nos conteúdos selecionados pelo docente em sala de aula.

Compreender que é necessário ter como aporte uma metodologia afetiva como uma das ferramentas para fortalecer a relação professor-aluno como instrumento motivador e transformador do ambiente escolar cujo objetivo é o processo de alfabetização, dará possibilidade a confiança no ato de aprender conteúdos estruturantes e significativos a realidade dos educandos, contribuindo para acesso e permanência dentro da escola.

É importante frisar que a metodologia afetividade é uma forma de desenvolver a confiança no processo de alfabetização dentro do contexto da escola, permitindo que os educandos consigam gerenciar suas emoções para interagir com os conteúdos propostos pelo professor em sala de aula.

Neste sentido acolher e observar a relação afetiva que envolve desde a entrada e até a saída desde discente é fundamental para contribuir no ato de alfabetizar. É pensar que o comportamento e aprendizagem estão interligados para o avanço ou não nos resultados dispostos dentro da aprendizagem, principalmente em se tratando da Terceira Idade, que já adentram a instituição, emaranhados e conhecimentos que adquiriam ao longo da trajetória no meio social.

Desde modo, sabe-se que a formação continuada docente no Brasil é

uma prática pedagógica que vem sendo fortalecida, principalmente dentro do ambiente escolar para garantir a melhoria da qualidade de ensino, utilizando-se de estratégias práticas que possam nortear as ações significativas ao processo de ensino e aprendizagem. Refletindo-se em espaço e tempo para os professores organizarem produções pedagógicas que valorizem os conhecimentos prévios dos discentes e os conhecimentos sistematizados pela equipe escolar.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil tem enfrentado diversos desafios ao longo dos anos, em busca do respeito às diferenças e a busca por igualdade a qualidade o ensino para todos, diminuindo a discriminação e a exclusão, principalmente ao acesso à educação.

Diante desse prisma, optou-se nesse artigo, pelo estudo bibliográfico, **OBSERVATÓRIO DA EJA:** o viés da importância da metodologia afetiva na alfabetização da Terceira Idade, tratando a afetividade como ponto de partida para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem na Terceira Idade. Sobre essa temática, foram referências de embasamento fundamentação teórica alguns teóricos: Freire (1991), Souza (2011), Wallon (1979), Guijarro (2005), Frade (2005) e outros.

Em primeiro lugar, partiu-se ao alcance de resposta para a indagação que, pode-se chamar de questão-problema que foi o estímulo para a incessante busca, a saber: qual a importância da afetividade na Terceira Idade no processo de alfabetização? A ideia aqui é propor no desenvolver desse trabalho a reflexão sobre a afetividade no processo de alfabetização na Terceira Idade dentro contexto escolar, com ênfase na discussão teórica e prática em torno das dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos como processo de contribuição para essa modalidade na sala de aula, principalmente para as pessoas, que buscam em sua realidade o ato de ler e escrever, para que possam saber escrever seu nome e ainda construir na educação formal familiar.

A temática surgiu de leituras bibliográficas, dos autores que trazem a abordagem sobre a afetividade como instrumento de possibilidade de fortalecimento da alfabetização, a partir de uma educação humanizada, principalmente na Terceira Idade, dentro de uma perspectiva mais ampla, olhando uma formação humanista e garantindo ao educando a valorização das diferenças na escola.

Para tanto, espera-se contribuir de forma significativa para EJA, como direito e dever de todos, principalmente ao acesso a escolarização, levando em consideração o espaço e tempo dos educandos da Terceira Idade nas produções das atividades que valorizem os conhecimentos prévios dos mesmos e os conhecimentos sistematizados pelo professor.

1- A EJA NO CONTEXTO ESCOLAR

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma modalidade de ensino inclusiva, na essência de suas concepções e intenções, que aponta para seus alunos oportunidades de realizarem seus aprendizados em tempo menor do que do Ensino Regular.

Seu contexto caracteriza-se por distintas vivências e realidades sociais, além de diferentes faixas etárias acima de 15 anos de idade. Neste sentido, a EJA está legalizada pela Lei de Diretrizes e Bases- LDBEN 9.394(1996, p.13), na qual em seus artigos que tratam desta Modalidade de Ensino, na Seção V do Capítulo II, conforme se segue:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. [\(Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018\)](#)

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Trata-se de um espaço educativo diferenciado pelas particularidades de seus alunos. Neste universo de dificuldade de acesso e permanência na escola está pautado em diversos fatores socioculturais e econômicos, onde os educandos ficaram por grande tempo sem acesso a um sistema de ensino

formalizado, isso impossibilitou o desenvolvimento dos sujeitos em seus aspectos cognitivos e afetivos.

Visto que, muitos discentes na Educação de Jovens e Adultos perderam sua autoestima, a crença em si mesmo e sua capacidade de aprender, como se não bastasse, o seu crescimento profissional ficou comprometido, dificultando assim a promoção da ascensão socioeconômica e ainda, minimizando a dignidade desses sujeitos. Este cenário é percebido principalmente no grupo de alunos da Terceira Idade.

Após uma longa rotina de trabalho do dia-a-dia, mesmo que em casa, vão à escola, com a vontade e a persistência em aprender, sobressaindo e deixando de lado em muitos casos o cansaço e a dificuldade em aprender, sem contar na dificuldade de saúde que devido a idade. É no universo escolar que esses discentes conseguem retomar seu potencial de vida, desenvolver suas habilidades a partir das trocas de experiências adquiridas ao longo da convivência no meio social, confirmar competências, eles se sentem valorizados, mediadas pela função afetiva que, contribui para o desenvolvimento integral do ser humano.

Considera-se que toda educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania, as unidades educacionais da EJA devem construir, em suas atividades, sua identidade como expressão de uma cultura própria que considere as necessidades de seus alunos e seja incentivadora das potencialidades dos que a procuram.

A escola precisa promover a autonomia a partir dos pilares da educação ao educando da Terceira Idade- interagindo com mecanismos que eles sejam sujeitos do aprender e aprender em níveis crescentes de apropriação do mundo do fazer, do conhecer, do agir e do conviver para que consigam contribuir com as mudanças na sociedade, principalmente no que tange a inclusão pela diversidade. Como trata a UNESCO na qual diz que:

(...) a sua compreensão da natureza intersetorial e integrada da educação e aprendizagem de jovens e adultos, a relevância social dos processos formais, não

formais e informais e a sua contribuição fundamental para o futuro sustentável do planeta. (2010, p. 5).

Neste sentido, faz-se necessário nesta modalidade o docente possa desenvolver o trabalho sempre pautado em alguns aspectos como: identificar, conhecer, distinguir e valorizar tal quadro, é princípio metodológico, com o intuito de produzir uma atuação pedagógica capaz de trazer soluções justas e eficazes.

Por tanto, é importante que a interação na classe entre professor-aluno, aluno-aluno, facilite a produção e ampliação do conhecimento entre ambos. Para isso, a instituição de ensino precisa ser compreendida como um ambiente propício às relações sociais. Como aborda o autor Souza:

Que envolvem a educação e a formação do indivíduo, voltando-se para a sua integração ao mundo e à sociedade, tornando-o sujeito de sua própria história, um intelectual no sentido gramsciano, um ser crítico e leitor do mundo, no sentido freireano (2011, p.25).

Esta preocupação se trata justamente de uma questão de proximidade entre professor e educando no processo de ensino aprendizagem ao se lecionar para alunos da EJA, isto visar à formação integral dos sujeitos envolvidos no processo, algo que obviamente deve ser o objetivo central de toda docência.

1-1- A Educação de Jovens e Adultos oportunidade de direito

A Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade de ensino inclusiva, na essência de suas concepções e intenções, que aponta para seus alunos oportunidades de realizarem seus aprendizados em tempo menor do que do Ensino Regular. Seu contexto caracteriza-se por distintas vivências e realidades sociais, além de diferentes faixas etárias acima de 15 anos de idade.

Considera-se que toda educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania, as unidades educacionais da EJA devem construir, em suas atividades, sua identidade como expressão de uma cultura própria que considere as necessidades de seus alunos e seja incentivadora das potencialidades dos que a procuram.

A escola precisa promover a autonomia do jovem, adulto e idoso, de modo que eles sejam sujeitos do aprender e aprender em níveis crescentes de apropriação do mundo do fazer, do conhecer, do agir e do conviver para que consigam contribuir com as mudanças na sociedade, principalmente no que tange a inclusão pela diversidade. Como trata a UNESCO na qual diz que:

(...) a sua compreensão da natureza intersetorial e integrada da educação e aprendizagem de jovens e adultos, a relevância social dos processos formais, não formais e informais e a sua contribuição fundamental para o futuro sustentável do planeta. (2010, p. 5).

Daí a exigência de uma formação específica para a EJA, especialmente em classes com adultos e idosos, a fim de resguardar o sentido adequação. Trata-se de uma formação com vistas de uma relação pedagógica com sujeitos, trabalhadores ou não, com marcadas experiências de vida, que não podem ser ignoradas.

E esta adequação tem como finalidade, a permanência na escola via ensino com conteúdos trabalhados de modo diferenciados, com métodos e tempos intencionados ao perfil deste aluno, dando sentido a vivências e experiências no cotidiano deste educando.

No que se refere aos docentes da EJA, os mesmos devem estar atentos ao fato de que, muitos alunos tem origens em quadros de desfavorecimento social e suas experiências familiares e sociais divergem das expectativas, conhecimentos e aptidões que muitos docentes possuem em relação a estes alunos.

Neste sentido, faz-se necessário nesta modalidade o docente possa desenvolver o trabalho sempre pautado em alguns aspectos como: identificar, conhecer, distinguir e valorizar tal quadro, é princípio metodológico, com o intuito de produzir uma atuação pedagógica capaz de trazer soluções justas e eficazes.

Por tanto, é importante que a interação na classe entre professor-aluno, aluno-aluno, facilita a produção e ampliação do conhecimento entre ambos. Para

isso, a instituição de ensino precisa ser compreendida como um ambiente propício às relações sociais.

Esta preocupação se trata justamente de uma questão de proximidade entre professor e educando no processo de ensino aprendizagem ao se lecionar para alunos da EJA, isto visar a formação integral dos sujeitos envolvidos no processo, algo que obviamente deve ser o objetivo central de toda docência.

Neste sentido, a Educação de Jovens e Adultos –EJA, apesar ter surgido no período colonial no Brasil, somente a partir da Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -LDBEN, passou a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, trata em seu artigo 37 e inciso primeiro que:

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. § 1º -Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho(...) (BRASIL, 1996)

Percebe-se que a LDBEN está atrelada as lutas por Políticas Públicas de Educação Inclusiva, por se trata de um documento legal que visa estabelecer de forma já introdutiva a garantia ao acesso dos educandos da EJA a rede escolar considerando suas potencialidades e limites.

Assim, neste contexto de inclusão, a Educação de Jovens e Adultos foi marcada e ganha espaço nas discussões educacionais. Na posição da criticidade a prática da educação para o idoso merece cuidado mais que especial, por se tratar de uma política de justiça social, atrelada aos direitos a educação.

Faz-se necessário, atentar-se para os desafios que a EJA vivencia para garantir os direitos a educação de qualidade e que proporcione adequação ao acesso para o momento de estudos, fortalecendo em sua prática o planejamento

interdisciplinar na intenção de possibilitar a permanência dos educandos da EJA, assim como a qualidade do ensino, fortalecendo o vínculo afetivo.

Para tanto, é crescente a preocupação com a melhoria da qualidade da Educação Inclusiva, na rede escola pública, uma vez que está se elevando o aumento de situações contrárias, que dificultam o aprendizado dos discentes, principalmente pela evasão escolar.

Dentre elas, destacam-se: as dificuldades de aprendizagens de alguns alunos com dificuldade de ler e escrever que ficaram muito tempo afastados da escola ou que não tiveram acesso a escolarização, desmotivação em assistir as aulas, sem perspectivas profissionais já que são idosos, cansaço depois de um dia longo de trabalho mesmo que no lar, falta de metodologias práticas e relação de teoria com o cotidiano do educando.

Enfim, várias situações que provocam o descompasso no ensino, com isso o planejamento docente. Reconhece-se o papel da escola na busca do fortalecimento d educação para todos, ou seja, como afirma Guijarro (2005, p.13) ela tem que ser um projeto de toda a comunidade escolar.

(...) todos devem ser responsabilizar pela aprendizagem e interação de cada um dos alunos, para garantir a aprendizagem e a participação de todos os alunos, é necessário um trabalho colaborativo entre professores, entre professores e pais, professores especialistas e entre os próprios alunos.

Em virtude desse esforço, a instituição precisa estar atenta e unida para criar espaço dentro da organização do trabalho pedagógico que atenda a Educação que desenvolva dentro da proposta pedagógica da instituição a alfabetização com base na afetividade, é possibilitar elevar o interesse e a qualidade da educação dos alunos da EJA ao patamar da participação de todos, considerando as vivências destes discentes.

Dentro da visão é importante abordar que o processo de ensino aprendizagem e a atividade docente vem se modificando em decorrência de transformações nas concepções da sociedade, de escola e nas formas de

construção do saber, aumentando assim as competências e as habilidades, a partir de comportamentos atitudinais humanizadas para o alcance da alfabetização.

Nesta forma, resultando na necessidade de se repensar a intervenção pedagógica na prática escolar para que garanta o direito a boa qualidade da educação que valorize os conhecimentos prévios dos alunos, assim como, estimule suas potencialidades, fomentando um currículo pela competência a autonomia de aprender com a realidade onde está inserido.

Este ponto de vista, propõe-se uma forma de permitir que o educando, principalmente da EJA, um valor no processo metodológico que contemple a afetividade, visando e priorizando a dimensão subjetiva da aquisição dos conhecimentos que cada estudante detém, agregando sobre a articulação interdisciplinar entre as disciplinas interligando às dimensões social e histórica da realidade local.

Para isso, é importante que alguns pontos essenciais sejam chaves para superar os desafios da alfabetização da EJA no processo ensino aprendizagem, além das discussões históricas acerca da mesma, precisa-se perceber o papel da afetividade na prática da inclusão, principalmente nos alunos da Educação de Jovens e Adultos-EJA da Terceira Idade, na escola pública, essa contribui diretamente nos aspectos cognitivo e intelectual.

No entanto, para os educandos da EJA é preciso também envolver o emocional para alcançar os objetivos propostos dentro de sala, como a afetividade, uma vez que é de suma importância para o processo de ensino aprendizagem, principalmente por perceber que estes educandos ficaram muito tempo ou nem tiveram a oportunidade do acesso à escola.

Portanto, o viés da importância da afetividade para alfabetização dos alunos da Terceira Idade implica no acolhimento não só um conhecimento da experiência de cada, de sua memória, de seu saber prático, assim como, com uma ruptura com a forma de pensamento e ação isolada do campo científico, ampliando o campo do saber, com a valorização dos próprios conhecimentos do cotidiano, permitindo a formação de sujeito reflexivos e críticos.

2 -ALFABETIZAÇÃO NA EJA E SEUS DESAFIOS

O campo educacional tem vários problemas dentre eles destacam-se a taxa de analfabetismo, um dos agravantes na terceira idade, onde percebe-se que o analfabetismo no Brasil tem taxas maiores entre pessoas com mais de 60 anos. Desta forma, o desenvolvimento da alfabetização, voltado para os adultos no país, veio ao longo da história da Educação marcada e acompanhada por um interesse internacional europeu no período colonial e não tinha em suas bases políticas educar a princípio adultos, sendo introduzida pelos jesuítas como o trabalho de catequização e ensino das primeiras letras para adultos indígenas.

Porém com impulsionamento da intervenção da política europeia no crescimento do setor econômico e tecnológico, as necessidades de mão-de-obra foram sendo exigidas e com isso a alfabetizar foi um ato necessário por parte da classe dominante. Aparecendo nesse cenário algumas medidas restritas tanto políticas e pedagógicas sendo implantadas, na tentativa de atender o mercado de trabalho.

Segundo os dados do IBGE (2018) apresentadas sobre a situação da educação aponta que o país brasileiro ainda não conseguiu alcançar uma das metas intermediárias focadas no Plano Nacional de Educação (PNE) em relação à alfabetização das pessoas com 15 anos ou mais. Algo preocupante, e ainda, a diminuição só acontece, segundo o senso pelo o falecimento de idosos. É importante frisar que a meta 9 do PNE estimava a redução do analfabetismo 6,5% até 2015, que não ocorreu nos Estados e Municípios. Com esperança que isso aconteça até 2024-erradicar o analfabetismo.

Neste sentido, pensar a EJA como aquele que vem dar a oportunidade de concluir e garantir a alfabetização é olhar pra frente e ver que desde o início seu princípio proporcionou estudos para formar ou de habilitar para o mercado de trabalho, mas, a cima de tudo a formação de cidadãos críticos, reflexivos, autônomos e que consigam libertar de ideia que a pessoa idoso não tem está na escola, principalmente trabalhadores que chegam cansados.

Neste apontamento Moragas (1991) diz que no processo de alfabetização escolar para que os idosos é preciso alcançar a aprendizagem efetiva, tendo como ponto de partida o desenvolvimento de motivações adequadas, assim como um meio, ou seja, estratégias que permita o tempo

favoráveis, garantindo nesse processo um papel social que permita que essas pessoas se reconheçam.

O processo de alfabetização, sofre várias inferências devido fatores que dificultam o desenvolvimento dos educandos, o que deixa o professor um momento desafiador por não saber lidar diante das realizações de práticas indispensáveis para o ato de leitura e escrita. Rever técnicas pedagógicas que envolva a reflexão de metodologias de alfabetização efetiva e relacionando com aspectos sociais, culturas, econômicos e políticos é viabilizar ao educando a compreensão de sociedade onde este aluno está inserido.

Percebe-se que mesmo a alfabetização no contexto escolar visa atender às necessidades de cada discentes que chega a instituição de ensino para estudar, considerando que ainda tem àqueles que correm risco de exclusão em termos de aprendizagem e participação na sala de aula por terem ficado muito tempo fora ou até nunca entraram no espaço escolar.

Nesse prisma a alfabetização precisa ser repensada com o uso de metodologias, que processa em resultados satisfatório aos educandos da Terceira Idade, como afirma autora no trato de alfabetizar os discentes a partir deste novo cenário, participação juntos no processo de alfabetização professor e aluno no contexto escolar.

A alfabetização escolarizada passou a ser o início ou a via única para o acesso à educação básica, à formação de profissionais, à cultura escrita e aos seus benefícios. Diferenciada dos usos rotineiros da leitura e da escrita, a alfabetização tornou-se objeto de um campo específico de estudos da educação, que delineou e uniformizou seus métodos, processos e resultados, por meio de currículos organizados para esse fim (FRADE, 2005, p. 42).

A alfabetização na EJA é identificada como um processo que ainda em passos lentos está sendo efetivada na sociedade, pois ainda percebe muitas pessoas sendo excluídas, inseri-las precisa ser ato permanente e essencial para a prática de inclusão, principalmente na escola.

Considera-se ainda que o direito à educação é universal e, é importante mecanismo a transformação da sociedade, possibilitando o pensar e o construir conhecimentos a partir das experiências vivências pelos educandos, ou seja, que independentemente de cor, raça, religião e adversidade física ou mental, todos tem os devem ter o mesmo direito ao acesso de estudar.

2- 1 A importância da afetividade na sala de aula como mediadora da educação

A educação é direito de todos e a escola precisa está preparada para garantir o acesso e permanência. Apesar de saber que não depende apenas da instituição de ensino essa garantia, mas do poder público em investir nas escolas para que possam oferecer uma educação de qualidade.

Neste sentido, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que atualmente precisa ter um olhar mais humanizado, pois a maioria que voltam ou entram no ambiente escolar já carregam uma história, seja ela positiva seja ela negativa no que se refere a escolarização.

Neste prisma, é preciso acreditar que o trabalho com a valorização da afetividade é um ponto de partida para o processo metodológico, melhorando o ato de ler e escrever, dando um novo significado ao contexto da escola. Considerando que na EJA, especificamente na terceira idade este sentimento de valor humano melhora o desenvolvimento nas atividades, assim como, com prática docente.

Assim há a preocupação com a questão afetiva também quanto a formação de docentes, estes devem preparar-se adequadamente para a valorização do estudante, tendo em vista sua realidade histórica e sua condição socioeconômica. Um dos desafios dos educadores é lidar com os aspectos cognitivo-afetivo no processo de ensino aprendizagem. Quando pensa neste processo o que se imagina inicialmente, é simplesmente tratar do aspecto cognitivo, esquecendo-se de ambos, afetivo e cognitivo, andam juntos e são indissociáveis.

Neste cenário, ao falar sobre ensino aprendizagem não se pode deixar de citar o auxílio e contribuição de Paulo Freire para a educação mundial, devido a sua conduta profissional baseada no afeto, na ética e principalmente no

respeito ao outro. Sua obra está cheia da dimensão afetiva por tratar da questão do cuidado, qualificação, interesse, empatia, amorosidade, amizade, amor, promoção, proteção e tudo que diz respeito a ética e ao estético decorrente da convivência cara-a-cara com o educando, no processo educativo, na promoção do potencial humano, crítico, político e criativo existencial do educando.

A partir das ideias de Paulo Freire (1997, p. 29) acerca da prática educativa expostas em *Pedagogia da Autonomia*, pode-se perceber dados para a compreensão do aspecto afetivo presente em todas as suas obras e suas práticas enquanto educador consciente

Neste olhar do autor, faz-se necessário ensinar com vista na criticidade, sendo envolvida pela afetividade mesmo que ainda forma ingênua, ou seja, o professor precisa trabalhar estimulando através do amor, o processo de promoção da superação dos discentes, valorizando suas próprias capacidades criativas dentro do contexto escolar.

A afetividade é de suma importância na relação do processo de ensino e aprendizagem na EJA, por possibilitar a interação aluno-professor. E isto é, evidenciado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, nos quais trata a educação de qualidade deve desenvolver pontos essenciais, tais como: capacidades interrelacionais, cognitivos, afetivos, éticos e estéticos, cujo objetivo é a construção do cidadão em todos os seus direitos e deveres.

A autora Fernandez (1991) salienta que a aprendizagem é repleta de afetividade, uma vez que a mesma ocorre a partir das interações sociais. E a aprendizagem é uma mudança comportamental resultante da experiência que o sujeito absorve das relações no processo de ensino.

Desta forma, o afeto é essencial para todo o funcionamento do corpo, desenvolvendo a coragem, o interesse, a motivação e a sensação de que todos são diferentes, mas precisam ser desenvolvidos com os mesmos direitos. Como aborda Freire (1996) a afetividade constitui um fator importante no processo de desenvolvimento humano e precisa ser valorizada dentro da sala de aula pelo professor, para que estes educandos da terceira idade possa ser acolhidos pelo afeto.

No entanto, alguns pesquisadores da área educacional resistem em atribuir valor à afetividade como fortalecimento da EJA, por acreditar que a

importância da afetividade na sala de aula como mediadora da alfabetização. É uma estratégia e procedimento que precisa ser vivida por todos os professores, uma vez que quando um educando se sente querido dentro de sala tem e demonstra mais segurança no desenvolvimento das atividades propostas para ele.

É nesta perspectiva que a afetividade impulsiona a educação na formação do sujeito como ator de sua história e lhe dando a possibilidade de contribuir na construção de saberes inerentes a sua vivência. Precisa-se perceber o papel da afetividade na prática de alfabetizar, principalmente nos alunos da Educação de Jovens e Adultos-EJA da Terceira Idade, na escola pública, esse contribui diretamente nos aspectos cognitivo e intelectual.

Acredita-se que é preciso também envolver o emocional para alcançar os objetivos propostos dentro de sala, como a afetividade, uma vez que é de suma importância para o processo de ensino e aprendizagem, principalmente por perceber que estes educandos ficaram muito tempo ou nem tiveram a oportunidade do acesso à escola.

2-1 A afetividade na EJA: fortalecimento do processo de ensino aprendizagem da terceira idade

Segundo a abordagem de Wallon (1979), existem funções básicas constituem a personalidade humana, consideradas por ele, duas que possibilitam o processo de interação entre sujeitos na sociedade que são afetividade e inteligência. Nessa discussão o que interessa é a primeira, que trata da função- afetividade, na qual está relacionada a construção da pessoa internamente, e isso perpassa para o processo de alfabetização. Já a segunda, que corresponde a inteligência, está relacionada ao mundo físico, ou seja, possibilitar a construção do objeto que está em sua volta.

O fortalecimento das práticas do processo de ensino e aprendizagem na escola pública vem constituir momentos de afetividade que possibilitam a aprendizagem dos educandos, assim como constrói um espaço de trocas de conhecimento, interação e convívio de experiências que contribuem para o desenvolvimento da organização escolar, principalmente para os docentes da

terceira idade da EJA.

Pesquisas revelam que nessa modalidade de ensino pela metodologia da afetividade, é de suma importância a relação professor aluno, uma vez que funciona como elo que os vincula em sala de aula. Assim, a afetividade tem grande destaque na EJA, visto que, para serem desenvolvidas as diversas habilidades e competências dos sujeitos, estes precisam integrar a função afetiva, pois cognitivo e afetivo são indissociáveis.

Evidenciando assim outra questão de grande valia do sujeito afetivo, pois, ressalta a necessidade de considerar a realidade do aluno e motivar sua capacidade de aprendizagem. Além disso, a autonomia do sujeito deve ser promovida e, de acordo com Paulo Freire (1996) a autonomia é imprescindível para o desenvolvimento do ser humano, portanto, o professor, deve valorizar o sujeito da aprendizagem.

A afetividade torna-se uma ferramenta importante de humanização escolar que visa a gestão de resultados de aprendizagens, principalmente em se tratando dos discentes da Terceira Idade, pois pode ser um dos pontos de partida para a elaboração das propostas de ensino para que possa atender as necessidades de conhecimentos dos mesmos dentro de sala pela interação aluno-professor.

Ao eleger as condições de acesso e permanência a esses educandos dentro do contexto escolar, a escola deve lidar com que é mais importante dentro do processo de ensino aprendizagem, a relação afetiva entre docente e discente, pois não adianta somente arrumar a parte física e estrutural, mas acolhe o afeto como ajuste a educação de qualidade.

Conforme a abordagem de Souza (2011), no que concerne a afetividade, ela é um mecanismo indispensável na construção da aprendizagem, onde todos precisam sentir amparados, principalmente em se tratando de educação. A afetividade, por sua vez é a mediadora desse processo de alfabetizar e de mudanças que seja efetivada na prática do professor, fortalecendo momentos de reflexão para a elaboração e execução de planejamento interdisciplinar de forma responsável e positiva alcance os objetivos de formação humana.

Para isso, os docentes da EJA, precisam estar inseridos em atividades que de fato façam efetivar a prática interdisciplinar, promovendo a adaptação necessária aos conhecimentos já construídos durante sua convivência em sociedade, levando em conta as experiências vividas pelos educandos.

Esta preocupação em garantir a qualidade do ensino leva o educador ao entendimento da possibilidade do Projeto Político Pedagógico no que diz respeito a qualidade, a ação pedagógica da escola e de modo especial, a ação docente, para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos. No processo de escolarização a afetividade precisa estar presente, principalmente por se tratar de um atendimento as pessoas da Terceira Idade. Com base neste princípio para que a Educação para todos possa ser de fato consolidada a escola precisa garantir uma oferta de qualidade no ensino.

Desta forma, para o fortalecimento da escola, a afetividade deve estar interligada ao fazer pedagógico como um processo fundamental para o desenvolvimento humano. E a afetividade na terceira idade ganha um papel fundamental para o processo ensino aprendizagem, uma vez que tem uma relevância na relação entre professor e aluno na qualidade de ensino, assim como na segurança no ato ler e escrever.

Percebe-se aqui neste tópico a afetividade fortalece o processo de ensino aprendizagem por permitir que esta relação de afeto, dar acesso direto a inclusão e que todos devem ter direito aos estudos. Esta diversidade que se apresenta na Terceira Idade dentro do contexto escolar é acolhida pelas suas experiências de vidas, aceitando sua história e fortalecendo a diversidade humana.

Neste prisma, a vantagem da questão afetiva acompanha o ser humano por toda sua vida, principalmente por ser carregada de carinho e amizade. Trata-se de um trabalho como fonte geradora de energia para que estes educandos possam acreditar que a educação é direito de todos e que consigam seguir em frente no intento de realizar seus objetivos, sejam eles só para aprender a ler e escrever, sejam eles para contribuir na construção de uma sociedade inclusiva.

Na área da educação, especificamente, a questão afetiva serve de alicerce sobre a qual o sujeito constrói seu conhecimento racional, uma vez que

o afeto recebido lhe traz a segurança necessária às suas indagações e curiosidades no processo de ensino aprendizagem.

A importância da afetividade é essencial para a prática docente da EJA, por contribuir para o trabalho docente. Diante do que vem discutindo ao longo do artigo é possível que a escola pode e deve insistir na organização a partir da afetividade, mesmo que ainda existam as dificuldades no processo de inclusão.

Os processos de aprendizagem são tão importantes como os produtos do conhecimento embora estes sejam também importantes (...) O conhecimento cresce e alarga-se quando partilhado, de tal modo que a aprendizagem em colaboração e por descoberta decorrem da premissa de que o conhecimento é construído socialmente e o essencial a reter da acção é que as pessoas aprendam fazendo (IN Nóvoa, 1992, p.86).

Percebe-se que precisa ter uma preocupação dentro do processo de ensino aprendizagem, com a questão afetiva envolvendo os educandos no processo de interação compartilhada, para construir novos conhecimentos essenciais a formação dos discentes, a valorizando cada atividade desenvolvida junto com o professor. A afetividade fortalece de fato o processo de ensino aprendizagem, uma vez que os docentes da EJA, sempre atentos ao fato de que, os discentes da Terceira Idade com suas experiências familiares e sociais podem contribuir com mudanças significativas para a sociedade igualitária no que tange o direito à educação.

COMENTÁRIOS FINAIS

Tornar a alfabetização na EJA, com a utilização da metodologia afetiva é aproximar-se do educando e de sua realidade em todos os seus âmbitos. E isso implica na responsabilidade coletiva em busca de uma escola e uma educação para todos.

O exercício da afetividade proporcionado pelo movimento de participação coletiva, dá à educação uma característica política na medida em que conceber o direito alfabetização e a cidadania, principalmente na Terceira Idade pelo

trabalho de gestão oferecendo aos envolvidos neste processo a oportunidade de direcioná-lo segundo motivações, anseios e percepções também construídas coletivamente dentro de sala de aula na relação aluno-professor.

Neste sentido, é importante salientar que a intenção deste trabalho é refletir o viés da importância da afetividade para o processo de alfabetização na EJA no que tange as discussões teóricas, não apontando culpados pelo aumento do analfabetismo e menos ainda da falta da relação afetiva entre professor e aluno no país, mas perceber a necessidade de torná-la mais efetiva dentro do contexto escolar é fortemente necessária para garantir o direito à educação para todos.

Por outro lado, a estratégia de usar a afetividade com educandos da terceira idade para promover o desenvolvimento e confiança nos estudos, tem se mostrado capaz de consolidar a inclusão com olhar na formação humanista, mesmo que ainda as escolas precisem de estruturas físicas para atender seus alunos.

Isto leva a urgência em promover mudanças mais substanciais no processo de organização da escola tendo em vista a solução de problemas enfrentamento pelo acesso e permanência e que estão emperrando tanto a democratização efetiva da escola, quanto na melhoria da qualidade do trabalho nela desenvolvido.

Assim, implementar dentro do trabalho docente, a afetividade na EJA na escola faz superar convicções e modelos conservadores e autoritários de educação que não acontece a partir da interação afetiva para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

O caminho a ser trilhado pela escola até que isto se torne uma realidade e uma realização coletiva, entre encontros e desencontros, conflitos e tensões para melhorar a qualidade da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, 1996. Disponível em: <[http:// www.mec.gov.Br/portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf](http://www.mec.gov.Br/portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf). Acesso em 27 de Agos. de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília,1997. Disponível em:<[http:// www.mec.gov.Br/portal.mec.gov.br/portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf](http://www.mec.gov.Br/portal.mec.gov.br/portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf). Acesso em 26 de Agos. de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Revista Inclusão Nº 5**. Brasília,2014. Disponível em:<www.mec.gov.Br/portal.mec.gov.br/portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revinclusao5.pdf . Acesso em 01 de set. de 2019.

FERNANDÉZ, Alicia. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FRADE, I. C. A. S. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores**: caderno do professor / Isabel Cristina Alves da Silva Frade. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GUIJARRO, María Rosa Blanco. Inclusão: um desafio para os sistemas educacionais. In: **BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Ensaios pedagógicos: construindo escolas inclusivas**: Brasília: MEC, SEESP, 2005. p. 7-14. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ensaiospedagogicos.p>>Acesso em: 18 Agos. 2019.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In: NÓVOA, **Antônio. Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora- LDA, 1992, p.79-110.

MORAGAS, R. M. (1991). **Gerontología social: envejecimiento y calidad de vida**. Barcelona: Herder.

SOUZA, José Carlos Lima de. EJA: de ensino supletivo à condição de um novo paradigma para a educação no tempo presente. In: **Currículos em EJA: saberes e práticas de educadores**. Rio de Janeiro: Sesc, 2011. (Col. Educação em Rede).

SOUZA, Alcineide José de. **O papel do educador na inclusão social.** 2011. Disponível em: <<http://psicologiadoensino.blogspot.com.br/2011/03/o-papel-do-educador-na-inclusao-social.html>> Acesso em: 11 Agos. 2019.

UNESCO. **Conferência Internacional de Educação de Adultos.** CONFINTEA-VI, Belém, 2010. Disponível em: www.unesco.org. Acessado em 13 de Agos. de 2019.

WALLON, H. **Psicologia e educação da criança.** Lisboa: Editorial Veja, 1979.